

4.7. Mó de triturar pastel

A exploração do pastel (*Isactis Tinctoria* L.) constituiu, junto com a cultura do trigo, uma das principais fontes de riqueza do arquipélago dos Açores durante, aproximadamente, os dois primeiros séculos de sua história. CARREIRO DA COSTA (1957) observa que no tocante à primeira, não se trata apenas da sua cultura, mas também o seu beneficiamento, uma vez que “*granado*” era então exportado, permitindo uma boa remuneração aos que a essa atividade se dedicava. O produto final do pastel dava um azul muito fino e sólido, apreciadíssimo na Flandres.¹

FRUTUOSO (1998 [ca. 1590], ao referir o “*ilhéu*” chamado Corvo, dá conta de que: “*Dá muito trigo, pastel, favas, lentilhas, chícharos, mostarda e muitas betatas.*”² Refere ainda que nele se acha também muita urzela³ (*Rocella tinctoria* DC.), o que testemunha que, no tocante à exploração de plantas tintureiras, o Corvo se encontrava em linha com as demais do arquipélago.

Quem terá introduzido a cultura do pastel na ilha? O cronista não o refere, mas as notas que nos legou acerca da ação do flamengo Guilherme da Silveira (Willem van der Haegen), permite-nos inferir algumas luzes.

Acerca do povoamento das ilhas do Faial e do Pico, Jos Dutra (Joss van Hurtere) persuadiu Guilherme da Silveira, ainda em Bruges, a juntar-se-lhe na empreitada. Passado um ano, Guilherme da Silveira, “*(...) ajuntou muita cópia de gente de todos os ofícios, ferreiros, pedreiros, tecelões, alfaiates, sapateiros e outros doutros ofícios mecânicos, e homens trabalhadores, nos quais entraram pasteleiros, quero dizer, homens que sabiam fazer pastel, qaraná-lo (sic) e beneficiá-lo, como agora se beneficia nestas ilhas, que naquele tempo nelas se não fazia.*”⁴ E ratifica: “*E este Guilherme da Silveira foi o primeiro homem que fez pastel nestas ilhas e o semeou, porque trouxe, quando veio, a semente de Frandes, donde se fazia, e ainda agora se faz;*”⁵

Insatisfeito com a atenção recebida do capitão Jos Dutra, Guilherme da Silveira passou “*com sua casa e família*” para a Ilha Terceira, onde se estabeleceu nas Quatro Ribeiras, dedicando-se à “*lavoura de pão e pastel, de que carregava navios pera Frandes (...)*”⁶. Numa das viagens à Flandres, fez escala em Lisboa, onde conheceu “*uma Dona Maria de Vilhana (sic), que era senhora da ilha do Corvo*”⁷. Ora, tendo o proprietário das Ilhas das Flores e Corvo, Fernão Telles, falecido em 1477 vítima de uma pedrada

¹ COSTA, Francisco Carreiro da (1957). “A Tinturaria Vegetal em Alguma Ilhas dos Açores”. *Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores*. Ponta Delgada, Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, n.º 25, pp. 133-137.

² FRUTUOSO, Gaspar (1998). *Saudades da Terra (6 vols.)*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. Livro VI, cap. 48, p. 153.

³ Op. cit., cap. 48, p. 155.

⁴ Op. cit., cap. 36, p. 114 (grifo nosso).

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

recebida em Setúbal, a sua viúva, D. Maria de Vilhena, na qualidade de tutora do filho, ainda menor, contratualizou com Guilherme da Silveira os direitos de exploração das duas ilhas⁸. Seguindo a narrativa do cronista, Guilherme da Silveira chegou à Ilha do Corvo e

*“(...) residiu nela sete ou oito anos e, como aquela terra é estéril e muito tormentosa e combatida de ventos quotidianamente, e não ia lá navio nem barca senão algum de ano em ano por maravilha, padecia ele e sua família muito trabalho, pela falta de muitas coisas de que tinha necessidade pera sua vida e suas lavouras e substentação de sua gente, o que não podendo sofrer, se veio em um navio, que mandou buscar às outras ilhas, com isso que pôde trazer, e desembarcou na ilha de São Jorge, onde se aposentou na parte dela que chamam o Topo (...). E ali houve muitas terras, em que semeava seu trigo e pastel, e tantas criações de gado, (...)”*⁹

Guilherme da Silveira empreendeu a primeira tentativa de povoamento das ilhas das Flores e do Corvo que, no entanto, veio a abandonar¹⁰, de modo a que Valentim Fernandes, em 1507 descreveu ambas as ilhas como despovoadas:

“Corvo ylha pequena com a ylha das flores esta quasi pegada huma com a outra. E ambas despovoradas por ser a terra muy fragosa.

Ha nestas ylhas gados bravos s. vacas e porcos.

Ha nestas ylhas muy boas agoas E muytos arvoredos.

Estas duas ylhas aynda que som afastadas das outras 40 legoas tem o nome dos açores como as outras povoradas.

*Ao sul destas ylhas dos açores jazem as ylhas do cabo verde s. de sancta maria e de sam miguel ylhas.”*¹¹

Em nossos dias, tendo sido primeiramente descoberta por Pedro Domingos, habitante de Vila do Corvo, e sinalizada, em 2016, pela equipa de arqueologia da então Direção Regional da Cultura, em 2021 procedeu-se à realocização e desenvolvimento de investigação arqueológica associada a uma pedra de mó, com características singulares, sita ao lugar do Engenho.

⁸ RILEY, Carlos Guilherme. “O Corvo - um lugar à margem (histórias da periferidade insular)”. *O Faial e a periferia açoriana nos sécs. XV a XIX*, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1995, pp. 57-70.

⁹ FRUTUOSO, Gaspar (1998). *Saudades da Terra* (6 vols.). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. Livro VI, cap. 48, p. 115.

¹⁰ MACEDO (1871:I, 20) atribuiu o abandono ao insucesso da exploração agrícola; SILVEIRA (1960:176-177) atribuiu o abandono ao fato de Van der Haghe ter sido preterido, na venda das duas ilhas, em favor de João da Fonseca.

¹¹ ALEMÃO, Valentim Fernandes. “Descrição das Ilhas do Atlântico” (1507). Códice da Biblioteca de Munique. In *Arquivo dos Açores*, vol I. Ponta Delgada (Açores): 1878. p. 145 e segs. Ver também: CINTRA, Diogo Gomes de. “*De Inventionem Insularum de Açores*” (1460). Códice da Biblioteca de Munique. in *Arquivo dos Açores*, vol. I. Ponta Delgada (Açores): 1878. Ver ainda: *Manuscrito “Valentim Fernandes”*, leitura e revisão por António Baião, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1940.

A primeira fase dos trabalhos assentou numa operação de desmatção da área, que se encontrava amplamente coberta por vegetação densa, que inviabilizava a execução dos trabalhos arqueológicos. Os trabalhos contaram com o apoio do Ecomuseu do Corvo e de uma delegação local da Secretaria Regional das Obras Públicas e Comunicações para essa ação, que permitiu colocar a descoberto a supramencionada pedra de mó, bem como os terrenos agrícolas circundantes, com vista a efetuar uma prospeção arqueológica, que permitisse aferir a sua funcionalidade e enquadramento tipológico.

O que levou aquela equipa ao local, para além das fotografias apresentadas por Pedro Domingos, foi a nomenclatura atribuída à zona. Um “engenho” está, tradicionalmente, associado a algum tipo de estrutura de funcionamento industrial, podendo ser atribuído, normalmente, a indústrias de moagem ou lacticínios. No caso particular, a sua localização, periférica à Vila do Corvo, e em local de acesso reservado, deixava em aberto o seu potencial.

A pedra de mó, em basalto, apresenta um formato circular, com 112 centímetros de diâmetro, cerca de 40 centímetros de espessura e um buraco central, em formato quadrangular, com 14 centímetros de lado. Encontra-se incorporada num muro de divisão agrícola, claramente reaproveitada, proveniente de outra estrutura anterior.

A característica distinta, face a outras pedras de mó, está associada ao seu orifício quadrangular. Pedras com esta tipologia encontram-se, habitualmente, associadas aos chamados engenhos de pisão de pastel.

O pastel é uma planta originária do sudoeste asiático, que foi amplamente cultivada em zonas de clima temperado, para funcionalidades medicinais e, principalmente, tintureiras. A partir do século XV, o seu cultivo massificou-se, com o intuito de comercializar o corante de tonalidades azuis, produzido pelos seus engenhos de pisão, e que correspondeu a um dos produtos de luxo que circularam pelas grandes rotas europeias, até meados do século XVII, quando caiu em desuso, pela introdução do cultivo e produção do anil. No arquipélago dos Açores, o pastel integrou a economia de exportação da Região, até meados de seiscentos, servindo para complementar e reforçar a economia agrícola insular, atendendo ao seu elevado valor de mercado.

Sabemos, através dos relatos dos cronistas de época, que o cultivo do pastel se massificou, em praticamente todas as ilhas do arquipélago. Todavia, o número de pedras de engenho registadas é bastante reduzido, porquanto a maior parte delas desapareceu, na sequência da queda em desuso do corante, a partir do século XVII. A deteção de uma pedra de engenho de pastel na ilha do Corvo revela-se, assim, de extrema importância, no contexto da arqueologia insular, considerando que, até ao momento, apenas se conhecem pedras com tipologias semelhantes na ilha Terceira e na ilha de São Miguel.

Tratando-se de uma estrutura implantada a céu aberto e construída em madeira, a existência de vestígios materiais, com cerca de quatro séculos, seria muito pouco provável. Procurou-se, por outra via, apontar uma provável localização, considerando a necessidade de local plano, para trabalho da pedra, e a proximidade a cursos de água, essencial para o trabalho industrial, de uma forma geral.

No terreno adjacente ao muro onde se encontra incorporada a pedra, presentemente, a desmatção e prospeção visual aferiu a existência de uma área que reunia essas condições, pelas suas características geográficas e pela sua proximidade à Ribeira da Lapa. Não sendo possível aferir com absoluta certeza, as hipóteses são prováveis de ter ali sido detetado o primitivo engenho de pastel da ilha do Corvo, cujas únicas remanescências assentam na aludida pedra, que ainda permanece na parede divisória do terreno, atualmente.

Importa ainda destacar a proximidade do lugar do Engenho a uma zona denominada como Pastéis, que permite inferir como correspondente ao local de cultivo da planta, posteriormente transportada até ao engenho, para produção, e finalmente carregada até à Vila, para exportação. Esse trajeto, quando analisada por via satélite, é facilmente identificável pelos caminhos rurais secundários, ainda hoje existentes.

No âmbito da campanha arqueológica empreendida na ilha em 2022, procurou-se identificar, na mesma área, com base na toponímia “Engenho”, o primitivo engenho de pastel da ilha, e com base na toponímia “Pastéis”, o local de cultivo da planta, posteriormente transportada até ao engenho, para produção, e finalmente carregada até à Vila, para exportação. Constatou-se que esse trajeto, quando analisado por imagens de satélite, é facilmente identificável pelos caminhos rurais secundários, ainda hoje existentes¹².

¹² BARBOSA, Luís (2022). *Relatório das Intervenções Arqueológicas levadas a cabo na Ilha do Corvo no âmbito do projeto “Caminhos da Memória”*.